

migrantes foi o verdadeiro encontro de alguém que percebeu no outro a figura de Deus. A partir dali a vida muda porque percorre o caminho dos migrantes. Aquele povo precisa falar, sentir e saber que alguém estava ao lado deles.

c) O convite à casa (convite à comunidade).

Continuando o caminho de Jesus com os discípulos de Emaús, acontece o convite. Jesus se faz convidar e mostra que não tem pressa. O convite parte de Jesus. “Eu estou com vocês. Eu estou à porta e bato, se vocês abrirem eu entro, se não abrirem...” O convite, a iniciativa da reconciliação parte de Deus. Jesus está o tempo todo aberto ao convite.

Quando alguém nos convida para entrar em sua casa, estamos entrando no “inferno” da vida dela. E o inferno fica menos inferno quando um padre, uma irmã, um agente de pastoral entra lá. É se fazer presente no cotidiano dos pobres. O povo sabe o que fazer com o tempo livre. O problema é o coração aberto, o convite. Temos um grande latifúndio que é o tempo. Mas às vezes fazemos do tempo um latifúndio cercado, arrumamos compromissos. É necessário uma reforma agrária no tempo para que os pobres tenham acesso a ele.

Quando a Igreja aberta não é um convite para o migrante entrar, devemos nos tornar convites vivos. Não devemos nos limitar às atividades em grupos, devemos sair da igreja e percorrer as ruas. Fazer-se acolhida.

Jesus não tem uma boa notícia. Jesus é uma boa notícia. Para encontrar o rosto verdadeiro de Deus tem que passar pelo inferno da dor, da exclusão, da fome, prostituição, drogas... Se a gente não se faz coração aberto dentro dessas pessoas como fazer com que Jesus seja uma boa notícia?

d) A mesa: o lugar sagrado

Depois Jesus e os discípulos de Emaús vão para a mesa. Os alimentos estão na mesa e a gente come e se come: alegria, a história, o sorriso, as tristezas aquilo que o outro é para nós. Alimentamos o estômago e o

coração. O tempero da comida humana é a presença do outro. O comer humano é tão sagrado que exige a presença, a sintonia, se não o comer se torna amargo. O comer é essencialmente a partilha.

A mesa celebra a alegria, o companheirismo, mas também pergunta: Cadê os outros? Quem preparou esta mesa? Quem cultivou os produtos?

Assim é a Eucaristia: um ponto de celebração e de interrogação. A mesa é um já e um ainda não. O reino está entre nós, mas é preciso continuar lutando para reconciliar todas as relações humanas (familiares, pessoais, econômicas, políticas). Vamos partir o pão que a gente acumulou. Jesus diz, alimentem-se do meu corpo, mas continuem vivendo procurando viver a comunhão para que todos possam ser irmãos.

Os discípulos reconhecem Jesus ao partir o pão. E como o povo conhece a cada um de nós? O rótulo para conhecer os cristãos devia ser o partir do pão. Devemos nos questionar, onde estão os migrantes que não estão na mesa? Devemos cuidar para não fazer de conta que estamos com os migrantes.

e) A missão

Alimentados com o pão da mesa, os discípulos vão para a missão, anunciar Jesus Cristo... “nós vimos o ressuscitado”. Eles voltam à missão com novo ardor missionário. Superam o medo, o desânimo, o fracasso. O encontro com o ressuscitado traz nova força.

O encontro com o ressuscitado nos ajuda a um duplo encontro: com o evangelho e com o migrante.

Resumindo: **primeiro** devemos conhecer os caminhos; **segundo**, nesses caminhos provocar encontros, fazer de nossas comunidades locais de encontros, marcar presença onde cada um possa se manifestar como pessoa, cultura, riqueza humana; **terceiro**, ser convite. A Igreja deve abrir seu coração para que o outro entre nela, para que o migrante se sinta membro, atingido pela boa nova de Jesus Cristo. **Quarto**, a partir da mesa, eucaristizar as relações humana, como conciliar, como trazer todos para o banquete da vida. Tudo isso para reforçar a nossa missão, para reforçar a pastoral dos migrantes.

Reflexão de Pe. Alfredo Gonçalves,sc



“ Ide, Apóstolos de Jesus Cristo!
Ide, mensageiros velozes...
ao povo que vos espera”. (Scalabrini)

“Acolha o estrangeiro com alegria...
reconheça o rosto de Cristo”
(João Paulo II).

Para refletir:
- Como renovar o ardor missionário dos
agentes da pastoral dos migrantes?

- Em nossa vida pessoal e comunitária
como vivenciamos a experiência dos discí-
pulos de Emaús?



CEMCREI - Centro de Estudos Migratórios Cristo Rei

Província Cristo Rei - Rua Castro Alves, 344
90430-130 - Porto Alegre -RS
0 xx 51 3334 1833 cemcrei@cpovo.net



“ Elementos da Espiritualidade e Metodologia da Pastoral dos Migrantes

Partindo do texto dos **discípulos de Emaús** (Lc 24,13-35) vamos ver alguns elementos de uma espiritualidade e metodologia da pastoral dos migrantes.

a) **A Caminho:** no caminho do **migrante**

Os discípulos estão a caminho. Estar a caminho, encontrar os migrantes no caminho. Jesus, se faz um estranho, para encontrar os dois que estão que estão a caminho. Uma delicadeza toda especial de Jesus, se faz um estranho, não chega com prepotência. Ele entra no mundo do outro e tenta sentir o que outro sente. Caminha com o migrante, conhece o caminho do migrante. Como se pode hoje conhecer os caminhos do migrante?

Os discípulos de Emaús estão tristes, preocupados, trilhando o caminho do medo, do desânimo, do fracasso, da fuga. Estão fugindo de Jerusalém.

Podemos nos perguntar. Quais são os caminhos do migrante hoje? Muitas vezes são os caminhos do medo, do fracasso, da fuga...Caminhos sem rumo, sem lugar para chegar.

É interessante primeiro conhecer **os passos** dos migrantes hoje (do desemprego, da falta de terra, de casa, escola, exclusão).

É preciso conhecer **as vozes** – o que vocês estão dizendo? Qual é o assunto? O que preocupa vocês? Se queremos conhecer realmente temos que freqüentar os lugares onde as pessoas sofrem, dentro das famílias... Muita gente tem um discurso libertador na rua, mas dentro de casa... Na Igreja conhecemos mais as pessoas pelo papel, pela máscara que cada um coloca con-

forme lhe é conveniente. Para conhecer os passos, a voz, o rosto dos migrantes é necessário o corpo a corpo.

Estar a caminho é perder tempo. Saber perder tempo com as pessoas que se debatem nos caminhos da vida. Jesus perde um mundo de tempo com os pobres. O tempo de Jesus, do Pai, é o tempo dos pobres.

Em Mateus 9, Jesus percorria aldeias, praças, campos e encontrava ovelhas sem pastor. **Percorrer, com certeza, não é ficar na Igreja esperando as ovelhas.** É correr atrás, correr com, estar ao lado de. Conhecer e estar junto a cada dia exige dedicação. Conhecer as feridas e os pés de quem caminha. Estar a caminho nos leva a perceber que tudo é provisório na vida, no tempo presente

b) **O encontro / diálogo**

Jesus caminhando com os discípulo, pergunta sobre o que estão falando. Acontece um **diálogo**, o encontro. Quando percebemos que nossa vida é provisória e muitas coisas são relativas, abrimos espaço para a importância que o outro tem em nossa vida, para o diálogo e a possibilidade de descobrir a verdade. A verdade está na conversa, no caminho. O encontro, o diálogo é a possibilidade de abrir espaços para que cada um se manifeste. Na pastoral dos migrantes, encontro e diálogo são coisas profundas no sentido de abrir poços.

No evangelho Jesus vai marcando encontros; com o estrangeiro, a pecadora, a samaritana... Nesses encontros mais que semear o Evangelho, Jesus vai colher o Evangelho, porque uma pessoa que se abre para a outra ela traz dentro de si sementes do verbo. Todos temos sementes em nossa cultura, em nossa vida. Jesus abre poços e a partir desses poços o Evangelho brota.

O problema da Igreja muitas vezes é ter a mania de levar o Evangelho, o outro é pecador, infiel e não sabe nada, a gente vai evangelizar. Vai levar a verdade e não se dá conta do processo que Jesus trouxe: abrir poços, somos uma mistura de sede e água. Quando se abre um poço, sede e água jorram, mutuamente a gente se enriquece e mata a sede. Isso é viver o Evangelho. Jesus abriu poços mesmo que proibidos (como a samaritana, estrangeira, mulher e pecadora).

O encontro requer reciprocidade, respeito à alteridade. Cada vez que se parte para a prepotência se rompe o diálogo.

O encontro de Jesus nos mostra um resgate. Ele resgata a história de cada um por mais maldita e perturbadora que esta história seja.

Se duas pessoas sofrem um acidente e vão para um hospital, um se apaixona pela enfermeira, outro nada, tudo normal. Após alguns anos o que se aproxima vai contar a história: encontro-paixão-realização; e o outro apenas sofreu um acidente. A nossa vida é um acidente. A vida da gente será um acidente se não for feita de encontros profundos. Porque o encontro ilumina e resgata o passado. O encontro verdadeiro faz do acidente uma bênção.

A história do povo de Israel é a história de um povo que se apaixona por Deus e a partir daí resgata sua história de uma forma completamente distinta. O encontro joga uma luz, muda o passado. Nos pesadelos vai encontrar fontes de vida e aprendizado. Jesus nos mostra isso. O verdadeiro encontro resgata as pessoas. Na pastoral dos migrantes significa criar momentos onde as pessoas possam resgatar sua cultura, sua história. Falar é exorcizar os medos para caminhar para frente. Falar cura.

No encontro de Jesus com os discípulos de Emaús temos o encontro da vida com a palavra de Deus. Jesus primeiro pergunta, o que acontece com vocês? Ele fala da vida e depois faz uma relação com a palavra de Deus. A vida onde o povo sofre e luta com esperança, a história é carregada da palavra de Deus.

O encontro de Scalabrini na estação com os